

RELATO DE EXPERIÊNCIA: CONSTRUINDO PONTES ENTRE O TEMPO E SUAS MEMÓRIAS

*Isis Assis Chabi*¹
UESB/GEHFTIM

*Maria de Fátima Araújo Di Gregório*²
UESB/UNEB/PPGREC/ODEERE/GEHFTIM

*Thaíla de Jesus Bastos*³
UESB/GEHFTIM

*Thais Jesus Bastos*⁴
UESB/GEHFTIM

Resumo: Através de estudos bibliográficos e observações realizada na Fundação Leur Britto, localizada em Jequié-Ba, espaço de acolhimento de idosos, percebemos a necessidade de projetos voltados para o resgate das capacidades dos idosos de criar, recriar, estimulando a criatividade, a expressão e a interação social. Por compreender que o fazer pedagógico ultrapassa os muros escolares, desenvolvemos um projeto de intervenção intitulado “Retratos dos tempos: Mãos que ainda tecem pétalas e (re)constroem-se como flores”, que consistiu na realização de uma oficina de artesanato com confecção de flores de papel e adereços, na Fundação Leur Britto, na qual os idosos aprenderam a confeccionar flores e adereços derivados de diferentes tipos de papéis. O nosso

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias (GEHFTIM). E-mail: isischabi4@gmail.com

² Doutora em Família na Sociedade Contemporânea na Universidade Católica do Salvador/UCSAL, Mestre em Memória Social pela UNIRIO, Especialista em Planejamento e Prática de Ensino pela FEEBA. Atualmente é Professora do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade/PPGREC/ODEERE/UESB, docente de História da Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB e coordena o do Grupo de Pesquisa em Estudos Hermenêuticos sobre Famílias, Territórios, Identidades e Memórias – GEHFTIM – UESB. E-mail: f_digregorio@hotmail.com

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias (GEHFTIM). E-mail:thailabastos32@gmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias (GEHFTIM). E-mail: bastosthais43@gmail.com

objetivo foi proporcionar momentos de interação e diálogo entre os idosos, buscando retratar por meio da oficina da confecção de flores e adereços, memórias de vida dos participantes e os sentimentos despertados, levando em conta as subjetividades presente no espaço. No tecer das pétalas buscamos então a reconstrução do prazer de criar, de fazer, de estar e de ser ativo e produtivo no mundo. Proporcionando assim um ressignificar de memórias trazendo emoções e sensações que devido ao tempo ficaram adormecidas e que são fundamentais para nossa constituição como seres melhores e mais humanizados, e para a construção de uma sociedade mais sensível e consciente.

Palavras chave: Artesanato. Idosos. Memórias.

Introdução

Esta pesquisa se entrelaça ao desenvolvimento e culminância de um projeto de intervenção pedagógica intitulado “*Retratos dos tempos: Mãos que ainda tecem pétalas e (re)constróem-se como flores*”, o qual propôs através de uma oficina de artesanato com confecção de flores de papel e de adereços, na Fundação Leur Britto, localizada no endereço Rodovia Barão 330, s/n - Km 1, Jequiezinho, Jequié – BA; retratar as memórias de vida dos participantes e os sentimentos despertados, levando em conta as subjetividades presente no espaço. Tendo como objetivos conhecer as histórias de vida dos idosos residentes na fundação através de diálogos, principalmente da experiencia da escuta tão necessária a estes, de suas experiências vividas; estabelecer uma relação mútua e uma troca de experiências entre nós estudantes e os idosos da Fundação Leur Britto; resgatar a autoestima e melhorar o vínculo interpessoal entre o grupo dos idosos por meio do diálogo durante a oficina e possibilitar através do artesanato um momento de aprendizagem, interação e diversão para os idosos. Logo, o presente artigo tem como finalidade a socialização de uma experiência educativa resultante das discussões teóricas e atividades práticas propostas pela disciplina Educação em Espaços não Escolares ofertada no curso de Pedagogia, no ano de 2018, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Campus Jequié - BA.

Por entendermos a Fundação Leur Britto enquanto um dos espaços não escolares situado em Jequié - BA, voltamos nossos olhares para esse espaço que muitas vezes é esquecido pela sociedade e que possui pouca visibilidade e divulgação social. A referida fundação se mantém de portas abertas estabelecendo um modelo de gestão que desenvolve um sistema de parceria e colaboração com Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, campus de Jequié, tornando-se então um espaço de fácil acesso para nós estudantes do curso de Pedagogia. A Fundação foi criada no dia 01 de maio de 1958, é uma entidade sem fins lucrativos que acolhe idosos sob a responsabilidade e administração de três freiras

da congregação Servas da Sagrada Família tendo no seu quadro de funcionários a composição de dezessete profissionais, entre cuidadores e voluntários que se revezam nos cuidados e manutenção de todas as necessidades da fundação. Atualmente a mesma sobrevive de doações voluntárias e parcerias com setores públicos e privados da sociedade.

Além disso, tivemos a curiosidade de adentrar nesse espaço para investigar quais as formas de contribuições poderíamos desenvolver para além de um momento de interação também proporcionarmos a longo prazo uma ajuda na melhoria da qualidade de vida dos idosos que ali se encontram internados. Percebendo e reconhecendo a capacidade dos idosos de se reinventar, criar e recriar mesmo diante das inúmeras barreiras físicas e estruturais vivenciadas por estes diariamente, buscamos uma forma de intervenção no cotidiano da Fundação Leur Britto, através do desenvolvimento das atividades voltadas para o artesanato em grupo, proporcionando assim ricos momentos de interação e diálogos. Buscando por meio de pesquisas bibliográficas, subsídios teóricos para melhor compreender as singularidades que perpassam a fase idosa e as possíveis contribuições do artesanato em grupo para os idosos, principalmente, os que se encontram internados em asilos.

O projeto de intervenção *“Retratos dos tempos: Mãos que ainda tecem pétalas e (re)constroem-se como flores”* se constituiu em três etapas. No desenvolvimento da primeira etapa optamos por fazer uma pesquisa bibliográfica na busca de bases para a continuidade. Esse tipo de pesquisa é considerado por Moresi (2003, p. 10), como “o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais e redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”. Utilizamos textos sobre a Fundação Leur Britto, sobre as especificidades dos idosos institucionalizados que nos levaram a refletir suas particularidades e necessidades, bem como buscamos como base teórica fundamental o livro *“Memória e sociedade: Lembrança de velhos”* de Ecléa Bosi (1994), que foi o principal norteador do nosso projeto. Feito isso na segunda etapa do desenvolvimento desta pesquisa, realizamos diversas visitas tendo como objetivo a observação da rotina na Fundação Leur Brito para melhor compreender o ambiente e as pessoas que nele habitam, e em seguida, na última etapa, já de conclusão, aplicamos o projeto de intervenção. Para além da oficina realizada, percebemos a necessidade da valorização das memórias de vida dos participantes e de seus sentimentos, abrangendo a subjetividade presente naquele espaço.

No exercício prático deste projeto de intervenção, levamos o artesanato de confecções de flores com diversos materiais como: (cartolina, papel EVA, tesouras, cola branca, papel

crepom e outros), mostrando a importância do artesanato como meio de resgate da autonomia, da autoestima, individualidade, da capacidade de interação e possibilitando ao sujeito que torne a se perceber enquanto sujeito ativo e necessário socialmente.

Nesse momento, além de ensiná-los na confecção dessas flores, procuramos incentivar o resgate de criar e recriar para com isso desenvolver o resgate de particularidades e proporcionar momentos de interações com os idosos. Durante o desenvolvimento da oficina para além da confecção do artesanato buscamos estabelecer um processo de diálogo e confiança, com isso optamos por registrar por meio de fotografias para além das imagens as subjetividades presentes no ambiente, procurando captar as reações, sensações, movimentos, atitudes e emoções apresentadas durante todo processo. Buscamos provocar por meio do P.I. que o idoso revisite suas memórias e vivências, buscando para além desse reviver construir novas memórias ao tecer cada pétala como momentos que irão passar de forma significativa reconstruindo assim esses momentos como o florescer das flores, entendendo que, as situações e momentos ruins são inerentes ao processo de vida de todo ser humano, mas o ressignificar destes momentos e sentimentos deve ser feito como um exercício diário de reconstrução da vida, dia após dia buscando a superação destes de forma sensível e humana.

O principal anseio na construção, desenvolvimento e culminância deste projeto foi a busca pela oportunização, no jardim da Fundação, como assim passamos a enxergá-la, do reviver das flores que ali habitam, o desabrochar de ideias que vivem ali adormecidas, esquecidas e silenciadas pelas paredes invisíveis do abandono, do esquecimento e da institucionalização.

Fundamentação teórica

Sabe-se que atualmente a população idosa brasileira vem crescendo numa velocidade altamente acelerada, porém, as discussões voltadas para os idosos ainda não se concretizam em nosso meio social, sendo lentas e invisibilizadas, tomando a mesma velocidade como proporção. Carmo, Rangel, Ribeiro e Araújo (2012) apontam que isso pode ser explicado devido a população brasileira ter sido considerada jovem por muito tempo e por isso se estabeleceu no imaginário social a pouca preocupação com dignidade e bem estar da pessoa idosa, mas com o passar dos anos devido ao aumento da expectativa de vida dos brasileiros o percentual de idosos consequentemente também aumentou, se afirmando de acordo com dados do “Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), o qual aponta que a

expectativa de vida no ano de 2009 era de 73 anos de idade, e deverá atingir, conforme projeções, 81,3 anos de idade, em 2050” (SILVA, BORGES, SANTOS, VITALINO, 2014, p. 2), porém infelizmente com a sociedade cada vez mais capitalista e tecnológica temos como fator resultante a não valorização das pessoas e como consequência a não valorização de suas história e memórias. Contudo, com a mudança do cenário e o aumento da população idosa, revela a extrema necessidade de se repensar o olhar para a pessoa idosa chamando a atenção para a importância de nos atentarmos para ela, reconhecendo-a como parte fundamental de nossa população. Pois, sabe-se que nos ideários de uma sociedade movida pelo individualismo exacerbado, pela ideia de funcionalidade e de rapidez, os idosos em sua grande parte acabam sendo esquecidos, rejeitados, abandonados, a velhice, neste aspecto funcional, é tida como uma fase na qual as pessoas deixam de existir para a sociedade, deixando de ter uma funcionalidade, deixando, portanto, de ter um papel social.

A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num manso da correnteza. Mas, não: é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o vedouro (BOSI, 1994, p. 415).

Apesar de aparentarem estar em um estado dito de monotonia social, totalmente discutível em diferentes aspectos tanto como psíquico, emocional e político, os idosos são fundamentalmente necessários como parte do processo de formação dos cidadãos e de continuidade da própria sociedade, pois, suas experiências e ensinamentos nos permite beber diretamente da fonte da sabedoria, fonte essa, que os mesmos são os principais contribuidores do processo de construção da vida em sociedade.

Já que a velhice não é um estado *manso da correnteza*, como nos fizeram pensar. Se faz necessário destacar para reflexão, algumas perguntas instigadoras presentes no livro “*Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*” de Ecléa Bosi (1994, p. 18-19): Afinal, “O que é ser velho? ”; “Como se realiza a opressão da velhice? ”; Por que temos que lutar pelos velhos? ”; E “o que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? ”.

Bosi (1994) conceitua velhice como uma categoria social, a qual é um destino de todos. Em suas palavras “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois, cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem” (BOSI, 1994, p. 77). Porém, como ela mesmo menciona a depender do tipo de sociedade, a velhice irá assumir papéis diferentes, a autora pontua que:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento da velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 1994, p.63).

Ou seja, em diferentes épocas e culturas existem diferentes formas de lidar com a velhice e com o seu caráter social. Na Idade Média por exemplo os velhos eram venerados, pois as pessoas viam “neles homens de memória, prestigiosos e úteis” (LE GOFF, 2003, p. 444). Neste sentido, destacamos que o homem na sua velhice não pode ser esquecido em situação corriqueira em nossa sociedade, pois o mesmo tem ensinamentos de vida preciosos que podem contribuir para mudanças na família e na sociedade, logo é preciso enxergar a velhice não como uma fase que se constitui na inutilidade de pessoas, mas perceber que os idosos têm muito a colaborar para as gerações presentes, futuras e para conservação da memória de uma sociedade.

Entretanto, percebe-se que o que acontece na nossa sociedade atual é exatamente o movimento contrário, as pessoas idosas são em grande parte abandonadas, silenciadas e esquecidas e não recebem o devido prestígio social que merecem, primeiramente por serem pessoas humanas, conseqüentemente por terem contribuído com a história e com a construção da sua sociedade. Infelizmente dentro desta perspectiva, “o velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem” (BOSI, 1994, p. 79), pois o que se percebe é uma falta de interação e diálogo entre os velhos e as pessoas mais novas, resultando em distanciamento, discriminação e apagamento, no qual as pessoas idosas ficam cada vez mais invisibilizadas culturalmente e socialmente.

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que pode se traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as deles, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento e discriminação. (BOSI, 1994, p.78)

Sendo assim, a relação estabelecida entre uma sociedade e sua população idosa diz muito a respeito dos seus valores e fundamentos. Como uma sociedade se dispõe a entender

e cuidar das pessoas mais velhas, diz muito sobre quais valores e tradições esta sociedade se baseia e mais ainda sobre quais aspectos a constitui culturalmente. A opção do não diálogo, ou do não ouvir a pessoa idosa, adotada atualmente pelas sociedades, é uma forma abrupta causadora de invisibilidade social, uma forma de esquecimento das vozes que um dia ecoaram pela sociedade e se fizeram ouvir enquanto ser social e pensante. Nos deparamos então com o processo pulsante e admitido de esquecimento e silenciamento da população idosa de nossa sociedade, os idosos institucionalizados, em sua maioria, sofrem uma forma de contenção social, por diversas razões e características específicas, quando são destinados a diferentes instituições de abrigo coletivo. As instituições por sua vez, na contramão do ritmo da sociedade, lutam contra essa forma de negligência legalizada buscando no seu cotidiano valorizar, cuidar, respeitar e reanimar os idosos ali inseridos consciente ou inconscientemente.

Dentro desta população idosa já mencionada, fazemos um recorte especial de análise para os idosos institucionalizados, pois, nosso projeto de intervenção foi aplicado na Fundação Leur Brito. Esta fundação, como já mencionamos, é uma entidade filantrópica, que prega o amor e acolhimento do próximo, com sede em Jequié-BA que acolhe idosos sob a responsabilidade e administração das irmãs da Congregação Servas da Sagrada Família, entidade da Igreja Católica. Contendo em torno de 60 pessoas idosas institucionalizadas, sendo em sua maioria mulheres.

Os idosos institucionalizados passam por um duplo processo de invisibilização. Conforme Born (2002, p. 403 *apud* CARMO, RANGEL, RIBEIRO e ARAÚJO, 2012, p. 331), “muitos idosos encaram o processo de institucionalização como perda, aproximação da morte...” e esses idosos apresentam “dificuldades de lidar com as perdas, tais como status e de papéis sociais, tendo de enfrentar problemas de saúde e de ordem econômica, isolamento, rejeição, marginalização social, entre outras questões” (CARMO, RANGEL, RIBEIRO e ARAÚJO, 2012, p. 331), dessa maneira demonstra-se como a institucionalização dessas pessoas geram subjetivas circunstâncias para a sua vida. Dessa forma, percebemos a importância da visibilidade deste idoso e reafirmamos que a Fundação Leur Brito, se constitui como um local adequado para intervirmos e assim contribuir para o resgate da importância social do idoso em nossa sociedade, mesmo que seja de forma singela e sutil.

Percebemos que os idosos ali presentes, assim como todos os idosos, levam consigo grandes contribuições necessárias para toda a população. “O mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos”

(BOSI, 1994, p. 82). As recordações são reconstruções do passado que podem colaborar com o presente e com o futuro, sendo assim a pessoa idosa tem muito a partilhar sobre seus costumes, experiências, crenças e ensinamentos. E o encolhimento desse papel social do idoso “é uma perda e um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retrain suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo” (BOSI, 1994, p. 83), dessa forma, o idoso é deixado para trás junto com sua história e memória. Contudo percebemos que quando este idoso é deixado para trás como consequência temos uma perda significativa de nossa própria constituição enquanto seres fundamentalmente dependentes da interação social. Esquecer um idoso é esquecer parte de si, é silenciar diversas vozes que ecoam em determinado tempo, é apagar parte de um grupo. Esse esquecimento enquanto ação legalizada é fator determinante no esquecimento social de diversos grupos e tradições que se perderam ao longo do processo evolutivo da sociedade, essas perdas podem não nos atingir diretamente no momento atual, contudo quando somadas a diversas outras perdas do passado as que ainda virão futuramente, resultarão no apagamento silencioso de diversos traços e cores específicas e singulares em nossa cultura.

Neste sentido com a necessidade cada vez mais evidente e gritante de preservação da memória coletiva da vida cotidiana para a continuidade da nossa sociedade, os idosos possuem um papel importante de guardiões da memória, entretanto diante do exposto percebemos a não valorização necessária enquanto a isso.

De acordo, Le Goff (2003) com a evolução das sociedades, datada pela segunda metade do séc. XX evidencia a relevância da memória coletiva como papel social pela luta, sobrevivência e promoção das reminiscências da humanidade. Entretanto, explica que a memória foi/é tratada de forma distinta por cada sociedade e por diferentes períodos históricos, mas exerce o mesmo compromisso de lembrar. Vernant (1965, p. 51 *apud* LE GOFF, 2003, p. 433) expõe que “nas diversas épocas e nas diversas culturas, há solidariedade entre as técnicas de rememoração praticadas, a organização interna da função, o seu lugar no sistema do eu e a imagem que os homens fazem da memória”, com isso, entende-se que a importância dada ou não a memória será de acordo aos costumes e necessidades de cada comunidade.

Logo, compreende-se que a memória individual de uma pessoa existe sempre e a partir de uma memória coletiva. Deste modo, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma

pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204). Prontamente, a identidade de um grupo ou de um indivíduo dependem das memórias construídas ao longo da sua história, de suas vivências e de sua trajetória.

Contudo, na sociedade contemporânea o rememorar passou a ser esquecido, subjugado e tido como desnecessário e os idosos, diante dessa perspectiva, perderam sua função social de preservadores da memória coletiva. Na sociedade contemporânea o que era antes valorizado, a exemplo das memórias dos idosos e suas experiências de vida, passa a ser questionado no sentido da utilidade dado as pessoas, esta sociedade individualizada e egoísta busca atribuir sentido as experiências de vida a partir do sentido da utilidade de cada uma delas. Se o idoso é útil é tido como necessário, caso não seja considerado útil este é levado a posição de invisibilidade e apagamento social. E no sentido de não silenciamento destas histórias que devemos lutar por eles, buscando trazer de volta no imaginário social a importância de suas vidas e de suas marcas, para que suas histórias não sejam esquecidas e tão pouco eles.

É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por ele. (BOSI, 1994, p.81).

Assim sendo, devemos lutar contra a invisibilidade dos nossos idosos, para estes enquanto seres fundamentalmente necessários ao equilíbrio social, continuem contribuindo com a nossa sociedade, entendemos e retomamos a ideia de que os idosos têm muito a nos ensinar e oferecer com suas riquíssimas experiências de vida. O idoso de hoje foi jovem um dia e nós, jovens de hoje, seremos os idosos de amanhã, com a certeza da nossa velhice não podemos esquecer da grande importância desta, a velhice, também enquanto categoria social, resultante dos processos e conjunturas do seu tempo para além do físico, em nossa constituição como cidadão.

Considerações finais

Portanto ao fim das atividades deste projeto de intervenção podemos buscar algumas reflexões necessárias a toda sociedade, no sentido estrutural e cultural, bem como também a nós enquanto seres também resultantes dos processos sociais do nosso tempo. A Intervenção, mais do que uma atividade programada para cumprimento de uma disciplina, proporcionou

uma ponte entre os estudantes da UESB com o espaço da Fundação Leur Brito, oportunizando uma rica experiência de trocas mútuas de vivências e conhecimentos entre nós estudantes e os idosos, pois, os mesmos tinham muito a nos ensinar. Alcançamos bem mais do que se colocaram os nossos objetivos, fomos marcados por vidas e por histórias que jamais serão esquecidas, para além das atividades científicas extremamente atendidas nesta experiência aprendemos enquanto seres humanos a nós ressignificar diariamente.

Almejamos com este projeto de intervenção, contribuir para que os idosos pudessem perceber que, apesar de todo discurso social e de todo esquecimento vivenciados, são pessoas ainda capazes de criar e recriar algo, são necessários e importantes socialmente e assim como proporcionar a estes um momento de alegria, interação e socialização entre o grupo. Na perspectiva de permitir que eles tivessem um momento prazeroso e satisfatório durante todo o desenvolvimento das atividades propostas procuramos atender as demandas estabelecidas por cada um dos participantes respeitando seu tempo de vida, suas especificidades e particularidades, para além, da produção da oficina de flores, buscamos um resgate pessoal de valores já esquecidos e silenciados pelos entraves e desalentos da vida institucionalizada.

No tecer das pétalas buscamos então a reconstrução do prazer de criar, de fazer, de estar e de se perceberem enquanto seres ativos, necessários e produtivos no mundo. Proporcionando assim um ressignificar de memórias, de histórias e de falas, revivendo emoções e sensações que devido ao tempo, as circunstâncias e a institucionalização ficaram adormecidas e que são fundamentais para nossa constituição como seres melhores e mais humanizados, e para a construção de uma sociedade mais sensível e consciente. A necessidade de proporcionar a eles um momento de interação foi alcançada e para além deste momento procuramos estabelecer conexões e vínculos com suas memórias, suas histórias e suas emoções, semeamos os jardins e o vimos florescer.

Referências bibliográficas

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARMO, Hercules de O. RANGEL, Janaína R.A. RIBEIRO, Nicoli. A. do P. ARAÚJO, Cláudia Lysia de O. **Idoso institucionalizado: o que sente, percebe e deseja?** RBCEH: Passo Fundo, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: UCB/PRPG, 2003.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, v. 5, 1992. P. 200-212.

SILVA, Temístocles. D. BORGES, Lourena. S. SANTOS, Mario L. A dos. VITALINO, Aline. A. V. **Lazer para idosos: uma investigação sobre a acessibilidade dos espaços e equipamentos de lazer da Fundação Leur Britto/Ba**. Coleção Pesquisa em Educação Física, 2014.